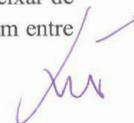


ANEXO III: ENTREVISTAS

Entrevista com a escritora Lídia Jorge

1- Na sua opinião, existe uma escrita feminina? (Se sim) Quais seriam as características desta escrita?

Em minha opinião, deve-se partir do princípio de que apenas existe *escrita*, como um todo, sem distinção. Ao que se deve acrescentar que existe uma escrita em que a perspectiva própria das mulheres surge tão explícita, que se torna impossível não reconhecer a marca de género dessa autoria. Isto é, a marca do género fica de tal modo exposta, que o reconhecimento de uma mão de autora se torna imediata. Como evitar, então, a designação de escrita feminina? Por que ter medo dessa designação? Por que não aceitá-la no seu contributo cumulativo? O problema, hoje em dia, quando a questão parece ter ultrapassado os limites de certa controvérsia política, reside no facto de, em vez de se aceitar, epistemologicamente, a escrita feminina no seu tributo cumulativo, continuar-se a sublinhar o seu aspecto supletivo. Em geral, usa-se a designação de escrita feminina para se referir uma espécie de género dentro da espécie, tornando o conceito limitativo, ou mesmo menorizando-o. Aliás, evitar essa acepção não significa apenas uma questão de estratégia. O problema é epistemológico e muito mais fundo. Trata-se de encarar a configuração escrita na sua própria natureza. É que toda a produção artística tende a ser andrógina, e a escrita é-o por inteiro, até pelo próprio princípio da utilização da língua como matéria prima da fantasia. Em princípio, na escrita, aquilo que nós pretendemos fazer, seja autora ou autor, é transgredir a marca do sexo. É experimentar ser outro, de tal forma ser outro, que não se deseja apenas ser só o outro sexo também, deseja-se experimentar outra idade, outra etnia, outro espaço, outra animalidade. Transformando-se, portanto, a escrita numa espécie de zona de passagem, em que se atravessa todas as fronteiras; a noção de género só ressalta se voluntariamente estivermos inclinados a procurar as suas marcas. Em relação às características da escrita feminina, para as delimitar, temos que entrar na perspectiva histórica e na perspectiva antropológica da própria desvenda e realização do corporal distintivo. A noção da expressão da maternidade, por exemplo, a descrição das sensações que são próprias do corpo das mulheres, acabam por estabelecer marcas daquilo que é o feminino, ou não será assim? Além disso, digamos, a questão propriamente da reivindicação da perspectiva da emancipação da mulher, o que passa muitas vezes, pela exibição dos atributos íntimos que lhe são próprios, constitui uma outra marca específica. É sabido como a questão da expressão do desejo da mulher, quando relatado pelos homens, se mantém deficitário em relação à verdade desse mundo profundo, distintivo entre os géneros. A nível da expressão táctil, do tempo de reacção, mecanismos íntimos do desejo, por exemplo, a escrita, que não deixa de ser *só uma escrita*, não pode deixar de ser, cumulativamente, uma escrita feminina. Se o acto de criação é uma passagem entre



várias margens, temos de concluir que não se passa de um lado para o outro, alijando a nossa própria bagagem.

- 2- Acha que seria privilégio das mulheres, ou existiria uma escrita em textos escritos por - homens. (Se sim) Que autores teriam uma escrita feminina?

É preciso ter em conta que existe uma certa convenção em torno daquilo a que se chama de escrita feminina muito difícil de ultrapassar, e onde todos acabamos por nos enredar, à falta de instrumentos que clarifiquem uma matéria que se presta a todo o tipo de preconceitos. Um desses pressupostos é que a escrita feminina se desencadeia em torno de um *eu* parado, um *eu* estático que se move em círculos lentos, concêntricos, sem se deixar libertar desse pé, ou esse umbigo, imobilizado. Enquanto a escrita masculina seria o contrário, teria o dom da deslocação, espelho da sua aventura nómada através do espaço e da História. Assim, enquanto a escrita feminina se desenvolveria em metáfora, em relação à realidade, apenas imaginada, a escrita masculina desenvolver-se-ia em metonímia, uma transcrição da viagem concreta do ser. Mas o que acontece em concreto nesse domínio é muito questionável. Tomando como bom esse princípio, um escritor como Vergílio Ferreira seria um autor muito mais feminino do que, por exemplo, Agustina Bessa-Luís. Agustina Bessa-Luís abarca a História, abarca a viagem, abarca a distância, preocupa-se com a perspectiva histórica da mudança em si. Estaria muito mais próximo do padrão da escrita masculina, inclusive pela descrição dos mecanismos do poder em que é mestre. Enquanto Vergílio Ferreira escreve, sobretudo, a partir do perdedor, a partir da vítima, a partir daquele que não se realiza. Sobretudo, a partir do *eu* que se contempla e, portanto, uma escrita à primeira vista muito mais narcísica. Nesse caso, digamos, Proust seria também um escritor feminino. Um autor que uniria as duas escritas seria o caso de Kundera, já que desenvolve a escrita em torno de um *eu* narcísico mas inscrito na dimensão histórica de longo alcance. Seria, portanto, um autor andrógino, no sentido comum da palavra, tendo em conta esse tipo de distinção. A verdade, porém, é que a destriça exige instrumentos muito mais complexos. Neste domínio, qualquer um de nós, assim que estabelece uma regra, encontra de imediato a exceção que, ao contrário do corrente, a não confirma.

- 3- Nuno Catarino Cardoso publica, em 1917, uma antologia intitulada Poetisas Portuguesas e cita 106 autoras. Porém, actualmente, notamos uma gama maior de obras publicadas em prosa do que poéticas, feita por mulheres; quais os factores a que você atribui tal fenómeno?

Uma forma de explicar será a partir de uma visão sociológica, digamos assim. Provavelmente, as mulheres estão ansiosas por narrar o mundo histórico, esse campo que, até há pouco tempo, a vida tão cruelmente lhes vedou. Hoje em dia, existe uma espécie de necessidade em reproduzir e interpretar a transformação da sociedade, e a

ficção oferece um campo de expressão em relação ao histórico mais amplo do que o poético. Penso que as mulheres estão ansiosas por narrarem as suas próprias vidas e narrarem-nas abertamente. Uma espécie de compensação em relação ao que lhes foi negado. Porque a poesia foi, ao longo dos séculos, uma espécie de refúgio, uma metaforização da realidade que lhes passava ao lado. Quer dizer, mesmo na escrita da própria Marquesa de Alorna, considerada um dos pontos cimeiros em relação à questão, assiste-se a uma metaforização lírica da sua própria realidade. Hoje, há um desejo de não metaforizar apenas, mas de passar a uma reprodução da própria vida. Isto é, dizê-la por outras palavras, embora mantendo a realidade bem próxima. Mas esta é uma perspectiva de tendência, e a criação vive da vontade individual e surge quando e menos se espera. A autoria não se explica.

Autorizo a transcrição e a publicação desta entrevista, concedida ao Mestre Fabio Mario da Silva a 05 de Julho de 2011, no âmbito do trabalho de preparação da sua tese de Doutoramento em Literatura, pela Universidade de Évora.

Lisboa, 07 de Outubro de 2011,

Lídia Jorge

